

Relatório da Mesa “Onde a Geografia e a Saúde estão nuas?”

Renata Dias Dutra

[IESA-UFG / Grupo Dona Alzira]

O professor Luíz Fadel iniciou o evento com o questionamento de “Onde a Geografia está nua?” e a reflexão sobre o não castigar essa nudez geográfica e da saúde, onde a saúde está desnuda? O que fazer a respeito?

No entanto, enquanto a discussão segue sobre não castigar a nudez a mesma é exposta ao relevar o autoritarismo da medicina, a soberba dos médicos e o despir-se constante de humanidade da medicina, bem como a violência que a veste nos hospitais e locais que deveriam “desfilar” direitos humanos.

O professor Eguimar Chaveiro, inicia sua fala tirando a roupa da geografia, bem como chega “tirando a própria camisa”, expondo a nudez de uma geografia e de um saber científico em geral que se descola do real, se desinteressando dos problemas e cria uma linguagem que quase ninguém é capaz de entender, dificultando o acesso ao aprender e assim ao conhecimento científico, diminuindo a ponte entre ciência e sociedade. Já que a metáfora do evento se prende ao vestir-se e despir-se, como num desfile de moda, a ciência erudita e rebuscada veste-se de Prada, enquanto o restante da sociedade veste-se com as roupas da 44, 25 de março e tantas outras feiras do sol, da lua, da praça, da avenida.

Além da linguagem científica, o professor Eguimar acrescenta a linguagem da metrópole, expressa por sons que remetem à violência e ao trabalho, o som das sirenes ecoa por todos os lados... Bombeiros, policiais, ambulâncias médicas têm pressa, dor e trabalho. E por isso seria o ápice do êxito da geografia alcançar a dimensão territorial da vida e da saúde.

Na fala da professora Ana Carolina Marques, a geografia foi despida diante da educação, das escolas e de sua precarização, a fome nas salas de aulas, a violência, o medo, o *bullying* e sugere assim uma vestimenta para a geografia, o vestir-se de corpo e de trabalho.

A professora Ádila expõe a nudez da geografia através do capitalismo de dados e da forma como este gera a impressão de acesso a todo tipo de informação, mas direciona e delimita. A geração atual tem acesso a internet o tempo todo pelo celular, mas está enfraquecendo e se fragilizando intelectualmente, memórias cada vez mais falhas, o que a está atrapalhando no mercado de trabalho, como, por exemplo, o domínio cada vez mais limitado de ferramentas no computador. O ciberespaço tem, portanto, fragilizado o espaço real.